

## HORROR NO ORIENTE MÉDIO

» Sequestrados no kibbutz de Nir Oz



Danielle Aloni, 45, e a filha, Emilia, 5



Doron Katz Asher, 34



Raz Katz Asher, 4



Aviv Katz Asher, 2



Hanna Katzir, 77



Keren Munder, 54

# Enfim, em casa...

NO PRIMEIRO DIA DA TRÉGUA MEDIADA PELO EGITO E PELO CATAR, O GRUPO EXTREMISTA HAMAS SOLTA 13 REFÊNS — QUATRO CRIANÇAS, TRÊS MÃES E SETE IDOSOS. EM TROCA, ISRAEL ENTREGA 39 PRESOS PALESTINOS. NOVAS LIBERTAÇÕES DEVEM OCORRER HOJE

» RODRIGO CRAVEIRO

Por trás de cada rosto, uma história. Yaffa Adar, 85 anos, tornou-se símbolo de resiliência e estoicismo, ao ser filmada em um carrinho elétrico cercada de terroristas. Encapuzada, Doron Katz-Asher, 34, foi levada com as filhas Raz, 4, e Aviv, 2, para Gaza na caçamba de uma caminhonete. Yoni Asher, marido de Doron, soube do sequestro por meio de um vídeo divulgado pelo grupo extremista Hamas, nas redes sociais. Hannan Katzir, avó de seis, teve a morte divulgada falsamente pela Jihad Islâmica.

As cinco fazem parte do primeiro grupo de 13 israelenses libertados, ontem, em troca de 39 prisioneiros palestinos, depois de 48 dias de cativeiro. São quatro crianças, três mães e seis idosos, que voltarão para casa após exames médicos. Hoje, antes das 16h (11h em Brasília), entre 10 e 13 refêns serão soltos, em sua maioria crianças. No âmbito do acordo firmado por Israel e pelo Hamas, e mediado pelo Egito e pelo Catar, 200 caminhões com ajuda humanitária entraram em Gaza por meio da passagem de Rafah — a mesma por onde os refêns chegaram o enclave.

“O governo israelense abraça nossos cidadãos retornando para casa (...) e está comprometido em retornar todos os sequestrados e as pessoas desaparecidas. (...) Além disso, 11 cidadãos estrangeiros foram libertados”, afirma nota do gabinete de Benjamin Netanyahu, ao citar dez tailandeses e um filipino. O presidente dos EUA, Joe Biden, disse que a libertação é “só o começo” e admitiu “possibilidades reais” de prorrogação da trégua de quatro dias em Gaza, prevista para terminar na segunda-feira.

Dos 13 refêns libertados, 12 são moradores do kibbutz Nir Oz — 65 civis da mesma comunidade, a 600m da Faixa de Gaza, seguem em poder do Hamas. Diretor do Centro Médico Schneider, para onde foram levados os refêns, Efrat Bron-Harlev assegurou que eles estão com uma “boa condição física” e serão submetidos a avaliação médica e psicológica.



O menino Ohad; a mãe, Keren; e a avó Ruth (D) são entregues pelo Hamas à Cruz Vermelha, na fronteira com o Egito

Yoav Shimoni — um israelense de 24 anos que recebeu pelo Facebook um vídeo do corpo da avó materna, Bracha Levinson, executada em Nir Oz — contou ao **Correio** que Adina Moshe, 72, e Hanna Katzir, 77, eram as melhores amigas dela. “Estou muito aliviado por elas retornarem para seus lares, apesar de suas casas terem sido queimadas até o chão. Mas não deveríamos minimizar a importância da libertação das 214 pessoas que ainda estão em Gaza”, disse.

De acordo com Shimoni, o marido de Adina também foi morto em 7 de outubro. Tentou protegê-la, colocando-se na frente dela e recebendo os tiros, dentro do bunker. “Adina foi submetida a uma cirurgia cardíaca, poucos meses atrás. Nós temíamos que ela pudesse morrer em Gaza. Hanna tem problemas de saúde e usava um carrinho elétrico para ajudar a transportar outras pessoas com necessidade de locomoção”, relatou.

Neto de Yocheved Lifshitz — a refém de 85 anos libertada pelo Hamas

em 23 de outubro — e de Oded Lifshitz, 83, que segue no cativeiro, Daniel Lifshitz disse ao **Correio** que compartilha de uma “felicidade imensa” com os demais membros do kibbutz de Nir Oz. “Sobre meu avô, não posso especular nada por enquanto, mas é uma situação de partir o coração”, comentou.

### “Pessoas incríveis”

Segundo Daniel, Rutee Munder, 78, trabalhava como a cabeleireira do kibbutz, enquanto a filha dela, Keren Munder, 54, foi sua professora no jardim de infância. Ohad Munder, 9, filho de Keren, também foi solto. “Danielle Aloni e a filha, Emilia, são amigas da minha família. Margalit Mosez tem o apelido de ‘Gaga’; é uma mulher incrível, muito poderosa. Hanna Katzir trabalhava passando roupas para a comunidade. São pessoas incríveis e da velha guarda do kibbutz”, acrescentou.

Sob a condição de não ter o nome

revelado, uma fonte diplomática israelense se disse “muito feliz com a libertação dos refêns”. “A expectativa é de que todos retornem a Israel o mais rápido possível. Esperamos que as demandas para a soltura de todos os sequestrados sejam cumpridas o quanto antes, e que a Cruz Vermelha tenha acesso a todos no cativeiro”, declarou à reportagem. Na quinta-feira, o Hamas afirmou se opor que os funcionários da organização humanitária entrem em contato com os demais refêns.

Yoni Asher, marido de Doron e pai de Raz e de Aviv, divulgou um vídeo, na noite de ontem, no qual se diz determinado a ajudar a família a se recuperar do “terrível trauma”. “Temos dias difíceis pela frente. (...) Não estou comemorando. Não celebrarei até que o último dos refêns retorne para casa. (...) A partir de hoje, as famílias dos refêns são minha nova família. Farei de tudo para garantir que o último sequestrado volte para casa em segurança”, afirmou.



Ohad Munder, 9



Ruth Munder, 78



Yaffa Adar, 85



Adina Moshe, 72



Margalit Mosez, 78



Channa Peri, 79

## Conexão diplomática



por Silvio Queiroz  
silvioqueiroz.df@gmail.com

## Pouco a esperar, além de civilidade

Com apenas uma semana desde a vitória de Javier Milei no segundo turno da eleição presidencial, é cedo para arriscar projeções sobre como se comportará a Argentina nos próximos anos. Em especial, permanece como incógnita a disposição do “anarcocapitalista” autoproclamado para colocar em prática duas das ideias mais controversas que apresentou em campanha, como remédio para a inflação galopante: dolarizar a economia e extinguir (a palavra escolhida em planque foi “dinamitar”) o Banco Central.

Sejam ou não implantadas, completa ou parcialmente, são propostas que sinalizam claramente um rumo político mais geral. E, no que diz respeito ao Brasil, deixam patente que o parceiro preferencial na condução do Mercosul terá no governo, a partir de dezembro, um adversário declarado da integração sul-americana — para não falar dos planos mais ambiciosos que abrangem a América Latina e o Caribe.

A experiência dos últimos anos,

quando Alberto Fernández ocupou a Casa Rosada e contracenou com Jair Bolsonaro no Planalto, sugere que o descompasso entre os dois “sócios majoritários” tem como resultante a paralisia. Daí o empenho febril da diplomacia brasileira para concluir o acordo comercial Mercosul-União Europeia a tempo para a cúpula do bloco, no Rio de Janeiro, dias antes da troca de guarda em Buenos Aires.

Em condições normais, os bons costumes recomendariam a presença do presidente eleito com sua equipe, para ao menos acertar o passo com os sócios e inserir-se nos processos em andamento. Nas duas semanas que faltam, resta ver o tamanho do interesse que as partes manifestarão por uma transição “civilizada”.

### Com que roupa?

Em certa medida, a contradança entre Buenos Aires e Brasília, nestes dias, faz lembrar o cenário de quatro anos atrás.

Naquela altura, ao fim do primeiro ano de mandato, Bolsonaro tomara publicamente o partido do aliado político Mauricio Macri, que acabou derrotado nas urnas pelo peronista Fernández. O presidente brasileiro fez questão de ser o último na fila dos governantes que reconheceram os resultados e desejou sucesso ao novo governo — mas não citou o nome de Milei, que em campanha hostilizou o presidente brasileiro.

Nem o Planalto, nem o Itamaraty se pronunciaram até aqui sobre a presença de Lula na posse do novo colega. Pelo lado de lá, a assessoria do eleito tratou

de assegurar que o vizinho é bem-vindo. Caso aceite o convite, Lula terá de se inspirar em um verso clássico de Noel Rosa, trocando apenas o gênero musical aludido: Com que roupa que eu vou pro tango que você me convidou?

### Virou o jogo

O resultado de domingo passado na Argentina não chegou propriamente a constituir surpresa. Mais desconcertante, em termos, teria sido a vitória do candidato governista: Massa foi ministro da Economia de Alberto Fernández e, como tal, tem o nome associado inevitavelmente à inflação anual de 140%, à recessão, ao desemprego e à expansão da pobreza.

Do ponto de vista do Planalto, porém, tratou-se do segundo revés do campo político identificado com os projetos de integração regional. Antes, o Equador havia elegeo o milionário direitaista Daniel Noboa, no tira-teima contra a candidata apoiada pelo ex-presidente Rafael Correa, amigo e aliado de Lula.

A volta do PT no Brasil tinha sido precedida pelo retorno ao poder dos

partidários de Evo Morales, na Bolívia. Na gangorra entre esquerda e direita, a América do Sul se encaminha para completar mais uma década de oscilação.

### Mudou de time

Se uma personagem encarna os zigzagues da política regional, ela é a escolhida de Milei para o Ministério da Segurança. Patricia Bullrich respondeu pela mesma pasta no governo do correligionário Mauricio Macri. Nascida em família rica e tradicional de Buenos Aires, veio nas últimas décadas se alinhando à direita dita “clássica”, que tem como uma de suas expressões a centenária União Cívica Radical, adversária histórica do peronismo.

Na juventude, porém, a futura ministra se perfilou justamente na franja mais radical dos seguidores do “general dos descamisados”. Durante a ditadura militar de 1976-83, integrou os Montoneros, organização armada gestada no combativo setor juvenil do Partido Justicialista. O lema sob o qual lutaram não poderia ser mais nacionalista: “Nem ianques, nem marxistas: peronistas!”